

Conflitos, perdão e reconciliação

“Não se deixe vencer do mal, mas vença o mal com o bem.”

Romanos 12.21 • NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: Rm 12.14-21; 1Pe 3.8-12; Mt 18.21-22

PARA COMEÇAR

Casais que não brigam não existem

Somos imperfeitos e precisamos de ajuda. A pergunta não é se haverá conflitos, mas o que faremos com eles. Sem perdão, nenhuma relação a dois sobrevive.

O conflito bem conduzido não destrói o casamento; aprofunda-o. É no atrito das vontades que Deus lixa o nosso egoísmo e nos molda à semelhança de Cristo: o lar é, por excelência, um ambiente de santificação. Mas o conflito mal conduzido, alimentado por orgulho e rancor, abre a porta que Paulo manda fechar: “não deem lugar ao diabo” (Ef 4.27).

O EXAME

O que fazer quando brigamos?

Cinco perguntas honestas, para responder diante de Deus antes de responder ao cônjuge.

1. Somos humildes para reconhecer os nossos erros, ou sempre nos justificamos?

2. Sabemos pedir perdão, com todas as letras, sem “mas” no final?

3. Somos maduros o suficiente para perdoar e buscar a reconciliação?

4. Tomamos a iniciativa da reaproximação, ou ficamos esperando que o outro dê o primeiro passo?

5. Estamos dispostos a renunciar ao que estorva o relacionamento, abandonando a atitude egoísta e buscando o bem comum?

Repare que todas as cinco perguntas apontam para dentro. A reconciliação começa quando deixamos de auditar a parte do outro e assumimos, diante de Deus, a nossa.

TESTEMUNHO

As brasas vivas

“Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer... porque, fazendo isto, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele” (Rm 12.20).

Conto um episódio da minha própria história: depois de uma briga séria com meu irmão, na juventude, senti a direção de Deus para fazer exatamente o que eu não queria: preparar um lanche para ele, ainda com o coração fervendo. Aquele gesto simples de bondade agiu como as brasas vivas de Romanos 12: quebrou o orgulho, derreteu a ira e levou nós dois ao arrependimento e à reconciliação.

A atitude cristã diante da ofensa é a generosidade ativa.

Não é esperar o degelo, nem retribuir na mesma moeda: é surpreender o outro com o bem. No casamento, um cafezinho levado sem palavras, um bilhete, um gesto de serviço no meio da frieza, têm poder de demolir muralhas que dias de silêncio só fariam crescer.

As dez diretrizes da paz no lar

Leia primeiro o texto bíblico; depois, as diretrizes aplicadas ao casamento.

1. Abençoe sempre; nunca amaldiçoe. Você abençoa seu cônjuge de quatro modos: palavras bondosas ditas a ele e sobre ele; comportamento prático de bondade em atos grandes e pequenos; gratidão demonstrada em particular e em público; e orações a Deus a favor dele.

2. Tenha empatia: alegre-se com quem se alegra, chore com quem chora, também dentro de casa.

3. Não se ache melhor do que o seu cônjuge.

4. Seja humilde, reconhecendo as próprias falhas antes de apontar as alheias.

5. Não pague o mal com o mal, nem nos detalhes mais insignificantes.

6. Procure agradar: palavras e obras, gestos de carinho, um sorriso, promovendo o bem-estar e a felicidade do outro.

7. No que depender de você, viva em paz no seu casamento.

8. Nunca se vingue, nem com a língua, nem com o silêncio, nem com a retenção de afeto.

9. Faça o bem constantemente, sem levar em conta o tratamento recebido.

10. Vença o mal com o bem: não retribua na mesma moeda; pague o mal com o bem.

E acrescente a receita de Pedro: refreie a língua do mal, aparte-se do mal, pratique o bem, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la (1Pe 3.10-11).

Duas ressalvas necessárias. Essas diretrizes valem para os conflitos normais entre duas pessoas bem-intencionadas. Primeiro: estabelecer distância física ou emocional diante de abuso não é vingança, é proteção legítima. Segundo: “não reter afeto” jamais significa obrigação sexual; a intimidade conjugal é entrega em liberdade, nunca cobrança (veja a Aula 7).

O CENTRO

O perdão que liberta os dois

“Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Jesus respondeu: Não digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18.21-22).

Perdoar não é dizer que a ofensa não doeu, nem fingir que nada aconteceu. É decidir, diante de Deus, não cobrar mais a dívida: soltar o outro, e soltar-se. Quem guarda rancor bebe o próprio veneno; quem perdoa abre espaço para Deus tratar os dois corações. E não fique marcando escores: o amor “não se ressentido do mal” (1Co 13.5).

Perdão também não é reconciliação automática. O perdão é decisão de quem foi ferido: abandonar a vingança e entregar a justiça a Deus (Rm 12.19). A reconciliação, porém, depende também do outro: de arrependimento, verdade e mudança real (Mt 3.8). E o perdão não elimina consequências: pode haver restituição a fazer, confiança a reconstruir, disciplina a cumprir e, em casos graves, responsabilização diante das autoridades. Perdoar de coração e, ao mesmo tempo, manter limites sábios não são atitudes contraditórias; as duas honram a Deus.

A medida do nosso perdão é o perdão que recebemos: como filhos e filhas da misericórdia, perdoados por Deus de uma dívida impagável, não temos o direito de reter o perdão dentro do nosso próprio quarto (Mt 18.23-35; Ef 4.32). E há um alerta

solene: o rancor conjugal atrapalha até as orações, “para que as suas orações não sejam impedidas” (1Pe 3.7; Mt 6.14-15).

PARA O CASAL

Para conversar a dois

Esta conversa pode exigir coragem. Comecem orando juntos, mesmo que seja uma frase cada um.

1. Como cada um de nós aprendeu a lidar com conflitos na casa em que cresceu (gritos, silêncio, panos quentes, diálogo)? O que trouxemos de lá para cá?

2. Existe alguma mágoa antiga entre nós que nunca foi conversada até o fim, e que ainda cobra juros? Queremos marcar um momento (ou buscar ajuda pastoral) para tratá-la?

3. Qual das dez diretrizes de Romanos 12 faria mais diferença no nosso lar se fosse praticada por mim nesta semana? (Cada um escolhe a sua.)

Exercício da semana: pratique uma “brasa viva” deliberada: no primeiro sinal de frieza ou atrito, surpreenda o seu cônjuge com um gesto concreto de bondade (um lanche preparado, um bilhete, uma tarefa assumida), sem anunciar e sem cobrar resultado. Observe o que acontece com o clima da casa, e com o seu próprio coração.

Quando procurar ajuda. Estas orientações se referem aos conflitos normais da vida conjugal. Em situações de violência física ou sexual, ameaça, coerção, abuso

psicológico grave, dependência química, pornografia compulsiva, risco de suicídio ou risco aos filhos, preservar a segurança vem antes de qualquer exercício de reconciliação deste curso: procure imediatamente ajuda pastoral responsável e, quando necessário, ajuda profissional e as autoridades competentes. Perdão cristão não significa permanecer exposto à violência.

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

Toque no cartão para ver a definição. Bom para revisar antes da avaliação.

RM 12.20

Brasas vivas

“Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer... fazendo isto, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele.” A bondade ativa derrete o orgulho e abre caminho para a reconciliação.

RM 12.21

A regra de ouro do conflito

“Não se deixe vencer do mal, mas vença o mal com o bem.” Não retribuir na mesma moeda: pagar o mal com o bem, também dentro de casa.

MT 18.21-22

Setenta vezes sete

O perdão cristão não tem contador. Quem foi perdoado por Deus de uma dívida impagável não tem o direito de reter o perdão dentro do próprio quarto.

1PE 3.10-11

A receita de Pedro

Refrear a língua do mal, apartar-se do mal, praticar o bem, buscar a paz e empenhar-se por alcançá-la. Cinco verbos para a paz no lar.

PERDÃO x CONFIANÇA

Trilhos diferentes

O perdão é concedido: decisão de não cobrar mais a dívida. A confiança é reconstruída: vem em passos, com frutos concretos de mudança. Confundir os dois gera culpa e injustiça.

1PE 3.7

Orações impedidas

O rancor conjugal alcança até a vida de oração: tratar o cônjuge sem honra impede as orações. Reconciliar-se é também desobstruir o altar.

AValiação

Teste o que você aprendeu

Cinco questões de múltipla escolha, com nota ao final, e duas perguntas para reflexão com resposta sugerida. Cada alternativa traz um comentário assim que você escolhe. Errar aqui também ensina.

1. O que as cinco perguntas do exame (“o que fazer quando brigamos?”) têm em comum?

- a) Todas investigam quem começou a briga
- b) Todas avaliam os erros do cônjuge
- c) Todas apontam para dentro: humildade, pedido de perdão, iniciativa e renúncia são responsabilidade minha (correta)
- d) Todas dependem de acompanhamento profissional para serem respondidas

Comentário: Isso mesmo. Somos humildes para reconhecer os nossos erros? Sabemos pedir perdão? Tomamos a iniciativa? A reconciliação começa quando cada um assume, diante de Deus, a sua parte.

2. Como funcionam as “brasas vivas” de Romanos 12.20 numa crise conjugal?

- a) Um gesto concreto de bondade no meio da frieza quebra o orgulho e abre caminho para o arrependimento dos dois (correta)
- b) A bondade estratégica humilha o cônjuge e o obriga a pedir desculpas primeiro
- c) É melhor esperar o degelo natural: com o tempo toda briga se resolve sozinha
- d) Só vale para inimigos de fora de casa, não para o cônjuge

Comentário: Exato. Como no testemunho do lanche preparado em plena briga: a generosidade ativa derrete a ira. Um cafezinho sem palavras, um bilhete, um serviço prestado demolem muralhas que dias de silêncio só fariam crescer.

3. Qual é a diferença entre perdão e confiança reconstruída?

- a) Nenhuma: quem perdoa deve confiar imediatamente como antes
- b) O perdão é concedido de imediato como decisão; a confiança se reconstrói em passos, com frutos concretos de mudança (correta)
- c) O perdão exige esquecimento completo da ofensa
- d) A confiança vem primeiro e o perdão depois

Comentário: Isso mesmo. Perdoar é soltar a dívida diante de Deus; confiar de novo é caminho que se percorre com transparência e frutos dignos de arrependimento (Mt 3.8). As duas coisas honram a Deus.

4. Segundo a aula, por que não se deve “marcar escores” das ofensas do cônjuge?

- a) Porque é impossível memorizar tantas ofensas
- b) Porque anotar por escrito seria perda de tempo
- c) Porque o cônjuge também tem um placar maior contra nós
- d) Porque o amor “não se ressentido do mal” (1Co 13.5): quem guarda placar bebe o próprio veneno e transforma a memória em arma (correta)

Comentário: Exato. Rancor arquivado reaparece nas discussões como artilharia. O amor de 1Co 13 rasga o placar, e quem perdoa liberta dois corações: o do outro e o seu.

5. Qual é a medida bíblica do perdão entre marido e mulher?

- a) Sete vezes, como propôs Pedro
- b) A medida do perdão que recebemos de Deus: uma dívida impagável perdoada, que nos obriga a perdoar as dívidas menores (Mt 18.23-35) (correta)**
- c) Perdoar apenas as ofensas pequenas; as grandes justificam rancor permanente
- d) Perdoar somente depois que o cônjuge provar total mudança

Comentário: Isso mesmo. A parábola do credor incompassivo é o espelho do casamento: perdoados de dez mil talentos, não podemos esganar o cônjuge por cem denários. "Perdoem uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês" (Ef 4.32).

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

Perdoei, mas a lembrança volta e a dor volta junto. Perdoei de verdade?

Resposta sugerida: Muito provavelmente sim. Perdão é decisão; cicatrização é processo, e confundir os dois produz culpa desnecessária. Quando você perdoa, decide diante de Deus não cobrar mais a dívida: não usar a ofensa como arma nas discussões, não alimentar planos de revide, não recontar a história para rebaixar o outro. A memória, porém, não se apaga por decreto, e a dor pode revisitar sem que isso anule a decisão. O sinal de que o perdão é real não é a ausência de lembrança, é o que você faz quando ela chega: em vez de reabrir o processo, você renova a decisão ("Senhor, eu já entreguei isso; guarda o meu coração") e segue tratando o cônjuge com a bondade de Romanos 12. Com o tempo, a lembrança perde a temperatura; é a misericórdia fazendo o seu trabalho lento. E se a ferida for profunda demais para carregar a sós, buscar o pastor ou um conselheiro não é fraqueza: é sabedoria (Gl 6.2).

Perdoar significa fingir que nada aconteceu e não impor nenhuma consequência?

Resposta sugerida: Não. Perdão e confiança caminham em trilhos diferentes: o perdão é concedido; a confiança é reconstruída. Perdoar é abrir mão da vingança e do rancor, entregando a justiça a Deus (Rm 12.19); não é declarar que a ofensa foi pequena, nem dispensar a conversa franca sobre o que aconteceu ("falem a verdade", Ef 4.25), nem abolir consequências e limites onde eles são necessários, em casos de mentira reiterada, vício ou qualquer forma de abuso, buscar ajuda pastoral e estabelecer limites é parte do amor, não a negação dele. O próprio Deus nos perdoa plenamente e, ainda assim, nos disciplina para o nosso bem (Hb 12.6, 10). No casamento saudável, a maioria das ofensas se resolve com confissão, perdão e recomeço singelo; nas feridas graves, o perdão abre o caminho, e a restauração da confiança percorre esse caminho passo a passo, com frutos concretos de mudança (Mt 3.8). As duas coisas honram a Deus; nenhuma delas é fingimento.

Para casa e próxima aula

Para aprofundar. Leia com calma Romanos 12.14-21 e 1Pedro 3.8-12, os dois textos-mestres desta aula, e a parábola do credor incompassivo (Mt 18.23-35).

TAREFAS

Praticar a brasa viva da semana; e cada um verificar, diante de Deus, se há perdão represado a conceder ou a pedir, e dar o primeiro passo (Mt 5.23-24).

AULA 6

Atravessando crises com Cristo: o vinho que acaba em Caná, o muro diante da própria casa e os olhos que Deus abre no deserto.

Ir para a Aula 6 →

Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA) e Almeida Revista e Atualizada (RA). · Bispo Ildo Mello